Aspectos sintáticos do imperativo no português brasileiro

Moacir Natercio Ferreira Junior

Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: O presente estudo tem por finalidade analisar propriedades do modo imperativo no português brasileiro em relação às características do modo imperativo nas línguas que possuem uma forma própria à expressão desse modo. Propõe-se que a ausência de uma forma própria dedicada à expressão do modo imperativo no português brasileiro é resultado de um sincretismo morfológico das formas verbais de segunda e terceira pessoa, que gera duas formas de apresentação do paradigma supletivo no modo imperativo: uma forma derivada do subjuntivo e outra derivada do indicativo. A existência de duas formas supletivas ainda demonstra um comportamento sintático inovador em relação às possibilidades de negação sentencial em frases imperativas. Dessa forma a sintaxe do modo imperativo no português brasileiro apresenta evidencias que sugerem a realização de um Ciclo de Jespersen em relação à negação sentencial.

Palavras-chave: imperativo verdadeiro, imperativo supletivo, negação, variação.

1. Apresentação do problema

A literatura gramatical de orientação gerativa traz em seus registros a ocorrência de duas formas de realização da oração imperativa (RIVERO 1994, entre outros). Uma delas é caracterizada por uma forma verbal própria ao modo imperativo, denominada *imperativo verdadeiro*. A outra não é específica ao modo imperativo, sendo realizada com formas advindas de outros modos verbais, como o subjuntivo, o que explica a designação como forma supletiva. O contraste entre as duas formas de realização do modo imperativo é encontrado no português brasileiro (padrão), e também no português europeu (PE).

(1) a. Senta, por favor!
b. Sente, por favor!

Conforme demonstram Scherre et al. (2007:205) no português europeu (PE) e no português brasileiro (padrão) a distribuição das formas variantes está associada às pessoas do discurso.

> "Em relações interacionais com menor distanciamento discursivo utiliza-se o imperativo verdadeiro(*olha;abre;faz*). esse é o contexto de utilização do pronome tu, recuperado ainda pela presença de morfologia verbal em contextos de orações não-imperativas, pelo uso do pronome teu e de vocativos que denotam intimidade do tipo *querida, meu amor, tu entre outros*. Na relação interacional com maior distanciamento discursivo utiliza-se o imperativo supletivo (*olhe;abre;faça*). Esse é o contexto discursivo do pronome você, o uso do pronome possessivo seu ou de vocativos que denotam menos intimidade do tipo *você, o senhor*."

Diferentemente, o português do Brasil (PB) – vernacular – apresenta variação no uso das formas em (1a) e (1b), sem associação aos traços de [+/– distanciamento]. A comparação do comportamento das sentenças imperativas do PB e do PE aponta para a possibilidade de uma diferenciação paramétrica entre essas duas línguas. Com a formação de parâmetros diferentes, o desenvolvimento da sintaxe do imperativo no PB se torna interessante para a investigação, principalmente em relação à classificação proposta em Rivero (1994), que aponta como um dos principais aspectos relevantes para a diferenciação das línguas de imperativo verdadeiro de Classe I e II a sintaxe da negação.

A análise aqui apresentada compara o desenvolvimento da sintaxe da negação nas sentenças imperativas do PB e do PE, demonstrando que as estratégias de negação encontradas no PB (NEG+V; V+NEG; NEG+V+NEG) são evidencia de que o PB possui uma sintaxe inovadora em relação às sentenças imperativas. Nesse sentido conforme Ramos (2006), assume-se que o PB apresenta mudança na sintaxe de negação, como a que levou ao padrão encontrado em francês, com implicações para a sintaxe do imperativo.

2. Os dados inovadores do PB em oposição ao PE

2.1 Restrições sintáticas à distribuição das formas do *imperativo verdadeiro*

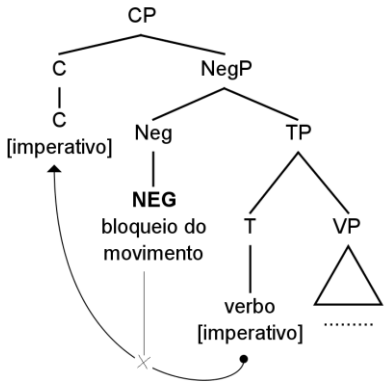
Tomando-se o PE como referência de língua com *imperativo verdadeiro*, constata-se que existe uma sintaxe específica na distribuição das formas do *imperativo verdadeiro* (em oposição às formas *supletivas*).

A negação não pode ser aplicada às formas do imperativo verdadeiro – inversamente, a negação impõe que as formas supletivas sejam utilizadas. Além disso, o clítico nas sentenças imperativas do PE só ocorre em posição de ênclise com as formas do imperativo verdadeiro. Inversamente, fatores de próclise (como a negação) exigem o uso das formas supletivas. Isso leva à conclusão de que a presença da categoria negação determina a distribuição das formas verbais da frase imperativa no PE (e no PB padrão).

(2) *Não faz isso!
Não faça isso!

Para Rivero (1994) as restrições sintáticas na distribuição das formas de *imperativo verdadeiro* em contexto de negação em línguas como o PE deve-se ao fato de a negação, como núcleo de uma categoria (NEG), impedir o movimento do verbo no imperativo (verdadeiro) para a categoria C, que é a categoria responsável por marcar a força ilocucionária, abrigando o traço imperativo da sentença. Nessa análise o verbo que apresenta a forma do *imperativo verdadeiro* deve sofrer checagem, movimentando-se em direção a C.

(3)



As formas supletivas não requerem checagem do traço imperativo no nível da categoria C, não necessitando deslocar-se para tal categoria. Assim, nas línguas descritas por Rivero (1994), a negação em sentenças imperativas no PE só ocorre com a forma supletiva. Segundo a análise de Rivero essa seria uma restrição sintática. No entanto Han (2001) apresenta argumentos contrários à análise de Rivero.

Em particular, propõe que o movimento do verbo para C° não é bloqueado pela sintaxe, mas pela semântica. A projeção do marcador negativo sobre a força ilocucionária da sentença é que impediria a sua realização. Han (2001) aponta que o traço imperativo é um operador ilocucionário situado na categoria C. Existe uma relação de escopo entre força imperativa e negação. A força ilocucionária, representada por um traço na projeção mais alta, C, deve estar no escopo da negação, que está em um nível estrutural mais baixo. Ao ocorrer o movimento do verbo para a checagem do traço imperativo em C, a negação exerceria escopo sobre o verbo, uma vez que funciona como um clítico e se move junto com o verbo, o movimento do verbo de V para C passa pela projeção NEG, causando uma representação ilegítima em LF nas línguas de imperativo verdadeiro.

(4) ¡No cuentes la verdad! (NEG + forma supletiva)

*¡No cuenta la verdad! (NEG + forma verdadeira)

Assim Han (2001) defende que esse movimento impõe um requerimento de interface de que a negação nunca tenha escopo sobre a força ilocucionária. Na interpretação de uma sentença imperativa negativa, a força ilocucionária deve, obrigatoriamente, ter escopo sobre a negação e não o contrário, ou seja, a negação não pode ter escopo sobre a força ilocucionária. Tanto a análise de Han (2001) como a de Rivero (1994) podem ser aplicadas a sentenças com a forma verdadeira do

imperativo, mas não podem ser aplicadas ao PB que, diferentemente, não restringe a ocorrência da negação associada a uma forma específica de imperativo (cf. CARDOSO 2009).

(5) a.Não faça isso! /Não faz isso! (PB)
b.Não faça isso!/*Não faz isso! (PE)

Os exemplos acima mostram que as formas (variantes) do imperativo no PB não impõem restrição à ocorrência com a negação (com implicações para a distinção entre *imperativo verdadeiro* vs. *imperativo supletivo)*. Já no PE só é atestada a possibilidade de a negação ocorrer com a forma supletiva. O contraste dessas sentenças no PB não apresenta restrições sintáticas do uso da negação para nenhuma das duas formas. Com isso sugere-se que o PB não possui formas do *imperativo verdadeiro* (cf. SCHERRE ET AL. 2007). Para comprovar essa hipótese, torna-se necessário demonstrar os fatores que levaram à perda da forma do imperativo verdadeiro no PB.

2.2 A gramática inovadora do PB

A hipótese que é primeiramente levantada sobre os aspectos inovadores da gramática do PB diz respeito à reanálise do sistema pronominal. Essa mudança é realizada pela perda da oposição [+/-distanciamento] nos contextos discursivos de sentenças imperativas. Isso significa que enquanto as formas imperativas no PE apresentam a relação da pessoa do discurso com o contexto de maior ou menor distanciamento, no PB essa relação não pode ser comprovada, conforme o exemplo

(6) a. Junta-te ao clube! [contexto de menor distanciamento]

b. Poupe 50%. [contexto de maior distanciamento][1]

Outro fator é a neutralização das formas verbais do presente do indicativo. A forma *você*, que representa um contexto de 2ª pessoa do discurso, é utilizada com verbos cuja morfologia remete à 3ª pessoa, o que remete a uma situação de sincretismo morfológico.

(7) a. Tu fazes – Pron. 2ps + V 2ps
b. Ele faz – Pron. 3ps + V 3ps
c. Você faz – Pron. 2ps + V 3ps

A situação de sincretismo morfológico estende-se às formas do imperativo:

(8) a. Senta aqui perto, pai! (imperativo)

[1] Os exemplos foram adaptados de Sherre et al. (2007)

b. O pai/ Você senta perto do menino. (indicativo)

Conforme mencionado o PB apresenta variação no uso das duas formas verbais no imperativo, ocorrendo uma forma similar ao indicativo (a qual mesmo idêntica à forma verdadeira não apresenta as restrições sintáticas dessa forma, comportando-se como uma forma supletiva) e outra forma similar ao subjuntivo, sugerindo a inexistência de uma forma *própria* do imperativo no PB, como já ilustrou o exemplo (5a) retomado em (9) (cf. também Postma & Wurff, 2007: 242).

(9) Não faça isso! /Não faz isso! (PB)

A possibilidade da ocorrência da negação com as formas verbais do indicativo e do subjuntivo se dá pelo fato de que essas duas formas verbais se comportam como pertencentes a um paradigma supletivo. A forma verbal supletiva não realiza movimento aberto para C, logo o núcleo (NEG) não se torna barreira, pois o movimento do verbo não ultrapassa esse núcleo.

A existência de duas configurações supletivas para as formas verbais do imperativo no português (com o movimento de V para I) permite explicar outras estratégias uso da negação no PB:

- a negação pós-verbal (VNEG) (ilustrada em 8a)
- a dupla-negação (NEGVNEG) (ilustrada em 8b)

(10) a. Vai não! / Vá não!
b. Não vai não! / Não vá não!

Para melhor entender a análise das possibilidades de ocorrência da negação no PB nesses contextos, primeiramente será apresentada a proposta de Zannutini (1995). Em seguida passaremos à análise de Ramos (2006) no sentido de se compreender a variação das formas de negação pré-verbal (não>num). Essa variação indica um processo de gramaticalização da negação pré-verbal, semelhantemente ao processo ocorrido no francês. Ramos (2006) sugere que o PB apresenta indícios de um Ciclo de Jespersen em relação ao marcador negativo.

3. Os tipos de marcadores negativos no PB

Nas línguas estudadas por Zanuttini (1995) (espanhol, francês, piemontês, florentino etc.) três padrões básicos de realização da negação são encontrados.

(11) a) *Non habito lá (italiano)* negação pré-verbal:
b) *A tëm nen la mort (piemontês)* negação pós-verbal
c) *Il ne marche pás (francês padrão)* *dupla negação*

Ao discorrer sobre as diferenças que as partículas negativas podem exibir na estrutura sintática, Zanuttini demonstra que as línguas românicas apresentam dois marcadores de negação – o adverbial e o gramatical. O primeiro tipo, adverbial, pode

Anais do VII Congresso Internacional da Abralin **Curitiba 2011**

negar a sentença independentemente. É geralmente posposto e tônico, exibindo características de especificador.

Três características distinguem os marcadores negativos com esse caráter adverbial dos marcadores gramaticais. Em primeiro lugar os marcadores negativos com características adverbiais não possuem posição fixa em relação ao verbo, permitindo a interpolação de elementos, enquanto os marcadores gramaticais " possuem posição fixa em relação ao verbo. Estes são sempre prepostos, inclusive com infinitivos; não admitindo nenhum elemento interpolado, salvo pronomes átonos".

Tabela 1. Possibilidade x impossibilidade de movimento do marcador negativo

Marcadores negativos com caráter adverbial	Marcadores negativos com caráter gramatical
[Piemontês] a) *Maria a mangia nen* Maria ela come não "Maria não come" b) *Maria a l' ha nen parlá tant* Maria ela o tem não falado tanto "Maria não falou muito"	[Italiano] a)*Non me l' a ancora detto* Não me o tem ainda dito b) *Ancora non me l'a detto* c) **Non ancora me l'a detto* "(Ele) não me disse (isso) ainda"

Em segundo lugar os marcadores negativos com caráter adverbial não interferem na distribuição de outros elementos gramaticais, enquanto os marcadores de negação gramaticais interferem na distribuição de outros elementos gramaticais, interferindo particularmente no posicionamento de pronomes átonos.

(12) a) *Te quisiera ver más*
b) *Quisiera **no** verte más*
c) **Te quisiera **no** ver más*
"(Eu) queria (não) te ver de novo"

Por fim, entre as características que distinguem os marcadores negativos, Zanuttini (1995) afirma que os marcadores negativos gramaticais restringem a morfologia verbal, não ocorrendo com formas exclusivamente imperativas, exigindo antes alguma forma sincrética

Tabela 2. Marcador negativo e sentenças imperativas

Marcadores negativos com caráter adverbial	**Marcadores negativos com caráter gramatical**	
Piemontês: *Parla*! (2ps) *Parla nen*!	Italiano Imperativo Afirm. *Telefona!* (2ps) *telefonare*!	Imperativo Neg. a)**Non telefona*! *Non telefonare*

Milanês: *Guarda minga i tosànn*! Olha-2ps não as garotas	Telefonate! (2ppl) Telefoniamo!(1ppl)	b) Non telefonate! c)Non telefoniamo!

Observando as três diferenças entre os marcadores de negação apresentados por Zanuttini (1995), podemos supor que existem evidências de que os marcadores de negação pré-verbais nas línguas românicas são elementos da morfossintaxe verbal. Assim esses marcadores diferenciam-se dos marcadores pós-verbais, morfossintaticamente autônomos, com distribuição semelhante aos advérbios.

3.2 As estratégias de negação nas sentenças imperativas no PB

Observando o comportamento das duas formas de negação sentencial apresentadas por Zanuttini (1995), podemos perceber que sua tipologia pode ser aplicada ao PB. Como indício de marcador gramatical, o português padrão apresenta a posição pré-verbal fixa em relação ao verbo, além de aceitar apenas pronomes átonos entre si e o verbo.

(13) a) *João não tinha chegado a tempo.*
b) *João lamenta não ter chegado a tempo*

(14) a) *João não* (*me*) *disse ainda o que fez.*
b) *João ainda não* (*me*) *disse o que fez.*
c) **João não ainda disse o que fez.*

Outro fator considerado é a posição fixa da negação em relação aos pronomes átonos, não podendo haver a interpolação entre o clítico e o verbo:

(15) a) *João afirmou que não me tinha visto/vira.*
b) **João afirmou que me não tinha visto/vira.*[2]

Já no vernáculo do PB são encontradas duas formas de apresentação da negação. Comparando-se as duas formas às apresentadas por Zanuttini (1995), podemos perceber que o PB semelhantemente apresenta uma negação de caráter adverbial e outra que possui características de categoria gramatical, gerando assim as três estratégias de sentenças negativas. Ramos (2006) aponta ainda que no PB há a ocorrência da variante *num.* A autora destacar que apenas o marcador pré-verbal apresenta uma forma reduzida (não>num), sendo agramatical a realização da forma reduzida no contexto da negação pós-verbal.

(16) a) *João não/num veio ontem.*

[2] A interpolação do clítico entre a negação e o verbo já ocorreu no português, As primeiras ocorrências de interpolação da negação nestes contextos foram encontradas em textos do século 15, e são freqüentes nos séculos 16 e 17 (cf. Namiuti, 2008).

b) *João não/num veio ontem não/*num.*
c) *João veio ontem não/*num.*

A possibilidade de ocorrência da forma reduzida no marcador negativo pré-verbal ocorre em razão de ser uma forma átona, que apresenta um caráter clítico obrigatório em relação ao verbo.A autora ainda apresenta quatro fatores que devem favorecer a ocorrência de num:

(17)a. a posição não final na sentença
b. a presença da variante plena "não" na mesma sentença.
c. a posição pré-verbal; e
d. contigüidade com V.

Segundo Ramos (2006) essas características podem ser comparadas com propriedades exibidas por clíticos, sendo essas: a impossibilidade de algum elemento intervir entre o clítico e o verbo, exceto outros clíticos, o clítico não poder ser modificado, não aceitar acento contrastivo, não poder ser coordenado e a fixação da ordem clítico-V.

No sentido de se verificar a interferência dos tipos de elemento que aparecem à esquerda ou à direita, a autora chega à conclusão de que a forma *num* se liga a elementos à direita. Assim demonstra a distribuição das variantes dos tipos de elementos que favorecem o uso de *num* em relação à forma plena do marcador negativo.

Tabela3. Distribuição de num de acordo com elemento na posição seguinte[3]

Posição Seguinte	Ocorrência	Frequência	Probabilidade
Verbo auxiliar	102/168	61%	.76
Verbo principal	227/384	58%	.75
Outros elementos	11/30	37%	.51
Pausa	4/180	2%	.03

Há também o favorecimento do marcador negativo num co-ocorrendo com o marcador tônico. Seu caráter átono permite a realização da dupla negação.

Tabela 4. Distribuição de não e num em frases da forma [...Neg... QNeg...][4]

Forma realizada	Ocorrências	Frequência
Não	21	36%
Num	37	64%
Total	58	100%

[3] Ramos (2006:124)

[4] Ramos (2006:128)

Além disso uma das evidências da ocorrência da gramaticalização da forma pré-verbal é a maior incidência de realizações dessa forma de acordo com o extrato etário. Segundo Ramos (2006) a maior incidência da realização do marcador negativo num está relacionada a falantes jovens, em oposição aos falantes mais velhos.

Tabela 5. Distribuição de num de acordo com grupo etário do informante[5]

Grupo Etário	Ocorrências	Frequência	Probabilidade
Jovens	139/165	84%	.70
Medianos	120/237	51%	.48
Velhos	85/225	38%	.32

A coexistência de diferentes tipos de marcadores negativos no PB aponta para a possibilidade de manifestar-se um processo de mudança lingüística, que consiste na passagem de um padrão pré-verbal para um pós-verbal, exibindo como uma fase intermediária a co-ocorrência de duas negações. A hipótese inicial é que a redução é fruto de um processo de *gramaticalização* em que um termo da língua muda de estatuto, tornando-se mais gramatical através do tempo. Segundo a literatura sobre *gramaticalização*, o processo passa por transições graduais que apresentam as seguintes etapas: item lexical > item gramatical > clítico > afixo >ø

Zanuttini (1995) afirma que diacronicamente muitas das línguas românicas passaram por três padrões, identificados por Otto Jespersen (1917). A autora examina o desenvolvimento diacrônico do francês, e apresenta o processo que teria ocorrido nessa língua:

(17) Forma tônica: *Jeo di non.*
Forma enfraquecida: *Jeo ne dis.*
Nova forma tônica: *Je ne dis pas.*
Queda da enfraquecida: *Je __ dis pas.*

Os resultados apresentados em Ramos (2006) sinalizam a mesma situação para o PB, indicando que o português brasileiro está reproduzindo o mesmo ciclo que pode ser diacronicamente comprovado nas línguas inglesa e francesa.

(18)Forma tônica: Não faz/faça!
Forma fraca: Num faz/faça!
Dupla negação: Num faz/faça não!
Queda da enfraquecida: Faz/faça não!

Sousa (2007) afirma que os estudos a respeito da redução do marcador negativo pré-verbal reconhecem a forma plena não e as reduzidas num e nu, sendo essas últimas consideradas, geralmente, como a etapa "clítico" do processo. A autora ainda observa que há a ocorrência do item com vogal oral ([u]) e, em alguns casos, apenas a nasalidade. Isso é mais uma evidência da mudança em processo no PB.

[5] Ramos (2006:126)

> *"(...) uma nasalidade que, seguida por verbo iniciado por vogal, se incorpora ao item posterior; são alguns exemplos os itens 'nadianta', 'nimporta'. Essa última ocorrência se aproxima da forma de distribuição sintática de um afixo, o que apontaria indícios para a etapa "afixo" do processo de gramaticalização." (SOUSA, 2007).*

4. Considerações finais

O trabalho apresentado objetivou demonstrar que o PB desenvolveu mudanças paramétricas em relação ao PE no que concerne à sintaxe do imperativo. Essa análise permite concluir que frase imperativa no PB não obedece aos mesmos padrões de classificação do PE, encontrados em Rivero (1994). O desenvolvimento do imperativo no PB envolve o surgimento de um paradigma supletivo com duas variantes em virtude do sincretismo morfológico no paradigma verbal e da reanálise do sistema pronominal. Sendo assim, a sintaxe do português brasileiro quanto à formação do imperativo demonstra variação de duas formas verbais supletivas: uma oriunda do indicativo e outra do subjuntivo. Isso decorre da redução morfológica que tornou a forma imperativa indistinta da indicativa, cuja manifestação indica que o paradigma é constituído de formas supletivas (não de formas verdadeiras).

O português brasileiro exibe formas que co-ocorrem sem as restrições sintáticas impostas ao PE. A distribuição das formas imperativas (associadas ao indicativo e ao subjuntivo) seguem distribuição associada a fatores regionais, de acordo com Scherre et al. (2007). Já o PE associa a distribuição das formas imperativas a contextos de maior ou menor distanciamento discursivo.

Outra evidência da mudança paramétrica do PB em relação ao PE é o comportamento dos marcadores negativos nas sentenças imperativas do PB. O PE, enquanto língua de imperativo verdadeiro, só permite a realização do marcador negativo em sentenças com a forma supletiva. No PB, existência de dois tipos de marcadores negativos, sendo um pré-verbal, em processo de gramaticalização e um pós-verbal com funcionalidade semelhante aos advérbios permite a existência de três padrões sentenciais de negação. A coexistência desses três padrões sentenciais sugere que o PB esteja passando por um Ciclo de Jespersen, tendo a mudança de um padrão de negação pré-verbal plena para uma negação pré-verbal enfraquecida, se tornando átona e clítica em relação ao verbo. Inversamente, observa-se a negação pós-verbal como o marcador forte, permitindo a realização conjunta com o marcador pré-verbal para realização da dupla negação ou ocorrer sozinho em posição pós-verbal.

Assim esse trabalho contribui para a compreensão das mudanças paramétricas que o PB sofreu em relação à sintaxe do imperativo, apresentando inovações em relação ao PE. Dessa forma a sintaxe da negação nas sentenças imperativas no PB é mais uma evidência da mudança paramétrica na sintaxe do imperativo.

4.Referências bibliográficas

CARDOSO, D. B. B.. *Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2009.

HAN, Chung-Hye. (1999). Cross-linguistic variation in the compatibility of negation and imperatives. *Proceedings of the 17th West Coast Conference on Formal Linguistics*. CSLI, Stanford, 265-279.

HAN, Chung-Hye. (2001). Force, negation and imperatives. *The Linguistic Review 18*, p. 289-325.

JESPERSEN, Otto. (1962) [1917]. Negation in English and other languages. In:*Selected writings of Otto Jespersen*. Londres: George Allen. Tóquio: Senjo. p. 3-151.

POSTMA, Gertjam; WURFF, Wim van der. (2007). How to say no and don't: negative imperative in Romance and Germanic. In: WURFF, Wim van der. (ed.). *Imperative Clauses in Generative Grammar:* Studies Offered to Frits Beukema. Amsterdam: John Benjamins, 205-249.

RIVERO, M.-L. Negation, imperatives and Wackernagel effects. *Rivista di Linguistica* 6. 39–66, 1994.

SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, D. B. B.; LUNGUINHO, M. V.; SALLES, H. M. M. L.. Reflexões sobre o Imperativo em Português. *DELTA*. *Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 23, p. 193-241, 2007.

RAMOS, Jânia (2006) O processo *não* > *num* na fala. Em J. Ramos& L. Vitral, *Gramaticalização: uma abordagem formal*, p.119-132. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFMG.

Vitral, Lorenzo (2006) A negação: teoria da checagem e mudança lingüística. Em J. Ramos & L. Vitral, *Gramaticalização: uma abordagem formal*, p.119-132. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFMG.

Zanuttini, Raffaella (1991) Syntactic Properties of Setential Negation: A Comparative Study of Romance Languages. Tese de doutorado, Universidade da Pennsylvania.

ZANUTTINI, Raffaella. (1995). *Reflexes of clausal estructures in the syntax of negation*: a
comparative study of romance languages. Georgetown University.